

Futebol quase sempre

PA 11

JORNAL DO BRASIL 02 NOV 2007

José Sarney,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

JÁ QUE O ASSUNTO é a Copa e a escolha do Brasil para realizá-la em 2014, vou entrar na onda. O anúncio da decisão da Fifa teve ares de feito nacional, com direito à presença do presidente da República, ministros, governadores dos maiores Estados da federação, além de uma comitiva menos votada de parlamentares, cartolas e sem-ingresso. Romário

substituiu Pelé e deixou um enigma do ar: se vai ser ou não candidato a vice-prefeito do Rio de Janeiro, deixando a bola pelo bolo eleitoral.

Quando vi que tudo era esperança, fiquei meditando como o futebol é uma paixão que até antecipa o tempo. Lula em 2014 já não será mais presidente, mas poderá ser candidato, pois será ano de eleição, e eu já terei 84 anos e espero estar torcendo por jogadores que nós nem sabemos quem serão (os atuais, quando muito, serão comentaristas de esporte). Mas teremos estádios novos, com novas tecnologias de informação, com anúncios

eletrônicos nas laterais e gramados à prova de chuva. Pelé deverá estar casando uma de suas gêmeas e Romário já não brigará com ele. O celular deverá ser do tamanho da unha e obedecerá um comando de voz e o presidente Chávez fará um desfile naval no Rio, apresentando seu porta-aviões Simon Bolívar, com direito à visitação e show aéreo.

Quem será o presidente? Não sei, na onda que vai, poderá até ser uma mulher. Se não sabemos quem estará governando o Brasil, sabemos quem será o presidente da CBF: o sortudo Ricardo Teixeira, pois tomou a vacina de colocar um

dispositivo de que ela terá como presidente quem fez escolher o Brasil para sede da Copa.

Mas, na minha vida, eu jamais esquecerei uma Copa: a de 1950. Era a primeira vez que vinha ao Rio de Janeiro. O fatídico dia 16 de julho. Eu vinha para o Congresso da UNE, como delegado do Maranhão. Saí às 5h de São Luís, num *Curtiss Commander* do Loyd Aéreo, um avião cargueiro da Segunda Guerra Mundial, que era como a Gol de hoje: passagem barata e tratamento zero. Os bancos, uma rede lateral. No meio, carga. Pousamos em Carolina, Porto Nacional, Formosa – onde embar-

caram sacos de charque do Hugo Borghi, dono da empresa – depois Belo Horizonte e chegada no Rio.

O avião jogou o tempo todo e eu era só enjôo com direito a esvaziar o estômago. Mais morto do que vivo, ouvi o comandante dizer: “Estamos sobrevoando o Maracanã, vejam os que estão à direta”. Vi e não vi. Estava muito mareado: eram 16h50. O comandante anuncia: “O Uruguai acaba de marcar um gol. O Brasil perdeu a Copa”.

No Santos Dumont, saltei. Saltamos todos os passageiros sem querer saber de futebol e doidos para ir ao banheiro.